

INFORME MENSAL

A.HJ.B

Ano 4 - novembro de 2012 Nº 36
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
EDITOR: Samuel Belk

Neste número

O poeta Menke Katz

Os Judeus do Leste

Bernardo Schulman

Pesquisa Online no site do AHJB

Música Judaica- Di Naye Kapelye

Museu Judaico da Ucrânia

Salvando uma Literatura

O escritor Elie Wiesel

Uma exposição pouco conhecida

Centro Ídish no Vilnius Institute

O menino de Rua

Aos nossos leitores

O poeta Menke Katz

Menke Katz (1906—1991) nasceu em Svencionys, Lituânia tendo passado os anos da primeira guerra mundial no shtetl* de sua família, em Michalishki; atualmente Bielorrússia. Ele emigrou para os Estados Unidos em 1920, onde passou o resto de sua vida (no entanto passou em Israel na década de 1950 durante três anos). Sua carreira poética se divide em períodos de idish e períodos de inglês.

Trabalhou como professor de idish por muitas décadas, principalmente em Nova York, e em seus últimos anos, viveu com sua esposa Rivke em casa de campo, fora de Nova York. Gostava de viajar pelo país e dar palestras para um público universitário. A relação de seus livros, nove em idish e nove em inglês e uma seleção de seus poemas foi publicada online em no site: www.dovidkatz.net

O passatempo favorito do poeta eram canções em ídish, especialmente canções folclóricas produzidas na Lituânia e se acompanhar do bandolim, que aprendeu a tocar.

Não conhecia notas musicais e não tinha voz para cantar mas a performance de suas canções e de seu bandolim tornou-se uma atividade cultural e musical entre seus amigos, familiares e também de um público mais amplo.

Canções folclóricas, poemas dos poetas que se tornaram canções tradicionais e que faziam parte de toda cultura idish passaram a ser divulgadas por Menke.

É uma coincidência que seu repertório que incluía hebraico antigo, moderno, litúrgico, e canções

asquenazitas, desde os primeiros tempos, incluisse também poemas sobre jogadores de cartas e do submundo. Durante décadas, Menke fez suas apresentações favoritas em noites de declamação e música em casa, primeiro no Brooklyn e em seguida, na casa de campo em Sping Glen. Também na casa do seu irmão e cunhada Meishke e Phyllis Katz, em Great Neck, e na de sua filha Troim e seu genro Frank Handler, em West Islip.

Menke originalmente juntou toda sua coleção na primeira metade de 1985 e escreveu um livro manuscrito, com letras selecionadas e enfeitadas por tradicionais coroas com que amava decorar seus trabalhos. As ilustrações do livro foram feitas por sua mulher, Rifke Katz.

Em agosto de 1985 ele foi nomeado instrutor do Quarto Programa Anual de Verão de Oxford, em Língua e Literatura Ídish cujo nome original era Der Zumer-Program Fun Gezang (Música para o Programa de Verão). Várias razões impediram sua viagem para Oxford naquele ano, mas seu livro manuscrito em idish foi disponibilizado para os participantes do Programa. Hoje essa edição limitada é extremamente rara.

Posteriormente, em 1998, o Programa de Verão de Oxford foi transferido para Vilna, Lituânia. Em 2007 os herdeiros do poeta decidiram disponibilizar o livro inteiro online. O livro cujo título é Menkes Katz's Yiddish Song Book possui 472 páginas com 270 poemas, sendo alguns, de outros poetas que ele anexou à sua obra.

O livro se encontra no site: www.dovidkatz.net/menke/Books/Menke1985-Books.pdf

As netas de Menke Katz, She e Claudia produziram, em 1.988, um cassete com 'as canções do avô com o título de "Songs of My Grandfather".

A edição inglesa de seus poemas "The Complete Yiddish Poems" foi editada em 2005, com 914 páginas, teve como tradutores Benjamin e Barbara Harshav pela Editora The Smith-New York.

XXX

Na Europa oriental era costume dos homens de profissão liberal, médico e ou advogado, exigirem dote para seu casamento. Nesta canção de Merke vemos como a moça que quer casar, provavelmente de família não rica, pretende resolver seu problema.

A seguir esta sua canção de amor:

**Já sou uma menina crescida
Porque você me engana
Há muito tempo estaria noiva
E talvez já tivesse casado**

**Se você está interessado em dote
Minha mãe venderá a casa
E aí poderemos casar
Porque eu te amo muito**

**E se você está interessado em honra
Meu avô era rabino
Vamos os dois casar
E assim a história terminar**

Os Judeus do Leste.

Devido à hostilidade desenvolvida durante as cruzadas, grandes massas de judeus radicados na Alemanha migraram para Lituânia, Polônia, Galícia e outros países orientais vizinhos e se misturaram a tribos expulsas do Reino Khasar. Eles mantiveram nessa nova pátria, culturalmente mais pobre, seu idioma, o ídiche, e seus costumes tradicionais: túnica judaica (kaftan), judenbart, judenstock, judenhut se originaram do traje alemão da Idade Média.

A cultura judaica polonesa viveu uma fase áurea entre os séculos XVI e XVIII. Além da pesquisa do Talmud, desenvolveu-se aqui uma literatura popular judaica, a mística da Cabala e a escrita baseada nela, do Chassidismo.

No século XVII, após os massacres promovidos pelos cossacos de Chmelnizki, o movimento messiânico iniciado pelo pseudo messias Sabbatai Tzvi em Smirna, ganhou muitos adeptos entre os judeus orientais. Em países do oriente, os judeus também foram colocados sob leis de exceção e rebaixados a um nível social muito baixo.

Na Rússia, devido a sempre novos decretos anti-judaicos, os judeus foram excluídos de quase todos os ramos de profissões, levados a se restringir ao pequeno comércio, ao monopólio da aguardente e arrendamento, e intermediário entre o latifundiário e o lavrador.

No século XIX, em consequência da libertação dos camponeses, houve grande descontentamento entre a população camponesa oprimida por dívidas e impostos, cujas causas foram atribuídas pelas autoridades aos judeus. Desde os anos 80 irromperam vários pogroms sangrentos. Estes e os decretos de maio de 1882 ocasionaram a emigração em massa dos judeus da Europa Oriental para a América.

(Da Enciclopédia Alemã)

Bernardo Schulman

Bernardo Schulman, que empresta seu nome ao Instituto Cultural Judaico Brasileiro de Curitiba, nasceu em 1887, em Demidowa, província de Volínia, Rússia. Foi educado em escola tradicional até os 10 anos quando faleceram seus pais.

A partir dessa idade passa a viver com um tio, que conseguiu introduzi-lo na *Ieshivá* de Lutzk onde além do Tanach e Talmud dedicou-se como autodidata a estudos seculares.

Casado com Zelda Paciornik chegou ao Brasil em 1909 e teve uma parte ativa na formação de instituições comunitárias no Paraná.

Schulman se fez conhecer ao grande público judaico e brasileiro por um opúsculo que marcou época, publicado em português, em 1937, com o título “Em legítima defesa – a voz de um judeu brasileiro”, cujo conteúdo surpreendeu por excelente resposta dada à propaganda antissemita, difundida pelo integralismo de Gustavo Barroso.

Foram publicadas quatro edições do opúsculo; a primeira em Curitiba, a segunda no Rio, a terceira em São Paulo e a quarta no Rio Grande do Sul.

Além de contos e artigos publicados em diversos jornais, produziu uma grande massa de “*correspondenzen*” que foram publicadas nos jornais em ídish, desde 1915 e que constituem verdadeiras crônicas sobre assuntos da vida comunitária de Curitiba, no Paraná, bem como sobre a vida judaico-brasileira, com uma apreciação e crítica pessoal que o caracterizavam.

Numa época em que havia muito poucos homens de letras na população judaica brasileira, a atuação dele, no intercâmbio com um grupo de intelectuais, assumiu uma grande importância no movimento literário judaico brasileiro da época.

Mantinha contato através de correspondência e artigos em jornais com grandes escritores, jornalistas e intelectuais judeus, do Brasil e do exterior e com a imprensa jornalística que se formava,

Teve o mérito de ser um dos pioneiros da imprensa ídish no Brasil, bem como, além de literato, um grande ativista comunitário paranaense, nos primórdios de nossa coletividade, muito respeitado e participante ativo em diversas entidades.

Pesquisa online no site do AHJB

Parte do acervo do AHJB pode ser consultado na internet por meio do nosso site. Na tela inicial clique no item BUSCA, os acervos disponíveis são: os 10 mil títulos da Biblioteca Geral, a coleção de discos e parte da coleção de Periódicos.

No site também podem ser encontrados as relações com os nomes dos Fundos e Coleções do AHJB. Na tela inicial clique no item NÚCLEOS e depois clique no item DOCUMENTAÇÃO E HEMEROTECA. Faça uma consulta pelo nosso site www.ahjb.org.br e boa pesquisa.

Música judaica: Di Nave Kapelye

“Di Nave Kapelye” surgiu em Budapeste, na Hungria, em 1993, reunindo músicos de diferentes nacionalidades. O grupo dedica o seu repertório à música klezmer, um gênero musical judaico que surgiu na Europa de Leste em pequenas localidades da Hungria, Romênia, Polónia, Rússia, Moldávia e Ucrânia.

Este grupo parte da ideia também de retomar a música klezmer tal como ela era tocada nas comunidades judaicas da Europa de Leste de língua idish, um estilo praticado nos casamentos que se foi perdendo com o holocausto. É um estilo passado de pais para filhos, ao longo de gerações, e os grupos eram formados pelos próprios membros das famílias.

O primeiro trabalho discográfico, "Aleph", data de já de muitos anos, no qual foi distinguido como o melhor registro do ano de música klezmer. Mais tarde eles produziram "Di Nay Kapelye", que deu o nome ao grupo e que foi indicado como o melhor álbum do ano da "World Music"

Di Nave Kapelye pode ser visto frequentemente em festivais de klesmer nas comunidades judaicas de toda a Europa. Em Portugal em sua última temporada o quinteto esteve composto por Bob Cohen (voz, violino e bandolim), Ferenc Pribojszki. Gyula Kosma (baixo e koboz), Crystina Crowder (acordeão e bateria) e Janos Bartha (clarinete). Atualmente alguns de seus componentes foram substituídos.

Museu Judaico da Ucrânia

Foi inaugurado no dia 21 de outubro deste ano o maior museu dedicado ao Holocausto da Europa Oriental em Dnipropetrovsk, Ucrânia. O complexo abriga um Instituto de Cultura Judaica, uma galeria de fotografias das 40 sinagogas mais importantes de

Dnipropetrovsk, antes da ocupação nazista, assim como sequencias de vídeo sobre a Shoá

A cerimônia contou com a presença do Ministro de Israel para assuntos da diáspora, Yuli Edelstein, o Grã Rabino Shmuel Kamineszki, de Dnipropetrovsk, o Grã Rabino Sefaradi de Israel, Shlomo Amar, o presidente das comunidades Judaicas da CEI, Lev Leviev e o rabino Moshe Kotlarsky do Escritório Mundial do Chabad de Brooklyn.

Edelstein elogiou os esforços para reviver o patrimônio e a Cultura Judaica desta cidade e afirmou que o verdadeiro objetivo será alcançado quando veremos membros das diversas entidades judaicas, que vão trabalhar aqui, em grandes atividades. Creio, afirmou ele ainda, que esta inauguração será uma verdadeira resposta aos nazistas e comunistas que destruíram as comunidades judaicas da Ucrânia e da antiga União Soviética.

O edifício constituído de 20 pavimentos foi inaugurado com a exposição: “Andanças dos Filhos de Israel” que esclarecerá a história da diáspora judaica na Ucrânia com a participação de artistas da Ucrânia, Alemanha e Israel.

A exposição atenderá as necessidades espirituais e físicas dos judeus de Dnipropetrovsk e servirá como meio educativo importante ensinando aos visitantes sobre a história judaica da região conforme declarou o portal de notícias Aruth Sheva.

O Museu desempenhará também um papel importante no desenvolvimento de toda cidade e mudará a compreensão muito limitada do Holocausto, da geração atual dos ucranianos.

Salvando uma Literatura

Em 1980, quando Aaron Lansky era ainda estudante, com idade de 23 anos de idade tomou conhecimento de um fato alarmante, milhares de livros em ídish que tinham sobrevivido a Hitler e Stalin estavam sendo descartados e destruídos. Com o desaparecimento da velha geração os livros eram jogados fora pelos filhos e netos que já não eram capazes de ler neste idioma. Uma literatura inteira estava à beira de extinção.

Lansky fez um apelo que estava recebendo livros não desejados e descartados e a população judaica de toda a América respondeu ao seu pedido. Logo Lansky e um punhado de colegas de trabalho rodaram por muitas cidades retirando livros de

porões e sótãos, sinagogas e edifícios abandonados. O trabalho de salvamento e coleta continua ininterruptamente.

Originalmente ele havia calculado a coleta de 70.000 livros em ídich. O Centro superou este número em seis meses e conseguiu recuperar um milhão de volumes. A realização foi saudada como o maior esforço de salvamento cultural na história judaica.

Em recentes anos, o Centro desenvolveu programas educacionais inovadores que abrem estes livros a gerações novas de leitores, estudantes, e pesquisadores.

O Ídish Book Center estabelecido num edifício especialmente construído em Amherst, Massachusetts forneceu um grande número de livros para mais de 600 bibliotecas como Harvard, Yale, Biblioteca do Congresso, Biblioteca Britânica, Universidade Hebraica de Jerusalém, e Bibliotecas Nacionais de países tão distantes quanto a Austrália, China e Japão.

Em 1998, o Steven Spielberg Digital Center fez reimpressões de livros que estão disponíveis a pedido. O Centro colocou os textos de 11.000 títulos Idish on-line na Biblioteca Ídish Digital onde eles são carregados facilmente e gratuitamente.

Os livros ídich estão sendo traduzidos para o inglês para que uma literatura importante e universal produzida durante mais mil anos possa ser acessível para as novas gerações.

A entidade é um mundo vivo (*lebedike velt*) que caracteriza um repositório de livros ídich, teatros, galerias de arte, exibições de museu sobre o idioma e outros.

Uma Exposição pouco conhecida

No final de janeiro de 2010, foi possível descobrir um pouco do sentimento de milhares de crianças judias alojadas em campos de concentração na II Guerra Mundial através da exposição na mostra **“Os Desenhos das Crianças de Terezín”**, que foi exibida no Anexo Safra, ao lado da Sinagoga Kahal Zur Israel, em Recife, em uma parceria da FIPE, com assistência especial de Germano Haiut, Agência B 52 e a Embaixada de Israel.

A exposição, que teve curadoria da Federação Israelita de Pernambuco, reuniu cem quadros de diferentes dimensões, composta por desenhos de crianças do campo de Terezin, realizados através dos mais diversos materiais que as crianças dispunham

em mãos, principalmente lápis e lápis de cera. Localizado na cidade de Theresienstadt, na antiga Tchecoslováquia. O campo de concentração de Terezin foi organizado pelos nazistas para exibir ao ocidente como os judeus recebiam “bons tratos” no local, durante a visita de membros da Cruz Vermelha.

O escritor Elie Wiesel

Elie Wiesel, o laureado com Prêmio Nobel da Paz, nasceu em 30 de Setembro de 1928, na pequena cidade de Máramaros Sziget, Erdély (Transilvânia) onde, por vários séculos, pessoas de diferentes línguas e religiões viveram lado a lado, ora em paz, ora em amargo conflito. Elie Wiesel cresceu na populosa comunidade judaica de Sziget. Conquanto o idioma falado em casa fosse o ídich, os Wiesel liam jornais e conduziam os negócios da família em alemão, húngaro ou romeno, segundo a necessidade do momento. Elie começou seus estudos religiosos em Hebraico clássico assim que aprendeu a falar.

Ele adorava a tradição mística e os contos populares dos *Hassidim*, grupo ao qual pertencia a família da sua mãe. Seu pai, embora religioso, sempre incentivou o filho a estudar o idioma hebraico moderno e a se concentrar nos estudos seculares. Os primeiros anos da II Grande Guerra pouco afetaram a vida em Sziget. Embora tivesse mudado de mãos da Romênia para a Hungria, a família Wiesel acreditava que estivesse em segurança, longe das perseguições sofridas pelos judeus na Alemanha e Polônia. O mundo de paz e tranquilidade da infância de Wiesel terminou abruptamente com a chegada dos nazistas a Sziget em 1944. Todos os judeus da aldeia foram deportados para os campos de concentração na Polônia.

Logo ao chegar a Auschwitz, o rapaz de 15 anos de idade, foi separado da sua mãe e irmã. Nunca mais tornou a vê-las. Elie conseguiu permanecer ao lado do pai durante o ano seguinte, em que ambos trabalharam quase até a morte, passando pelas mais atroz privações, sendo transferidos de um campo para outro, a pé, ou em vagões de gado, sob o frio inclemente, famintos, descalços. Nos últimos meses da Guerra, o pai sucumbiu aos maus tratos e à exaustão e faleceu.

Finda a guerra, o adolescente Wiesel encontrou asilo na França, onde soube pela primeira vez que suas duas irmãs mais velhas tinham sobrevivido à guerra.

Wiesel aprendeu a língua francesa e estudou filosofia na Sorbonne, sustentando-se como maestro de coral e professor de hebraico. Tornou-se jornalista profissional, escrevendo para jornais na França e Israel. Durante dez anos Wiesel observou um voto de silêncio auto imposto, e nada escreveu sobre sua experiência de guerra. Em 1955, exortado pelo escritor católico François Mauriac, imprimiu as suas memórias em ídish, num trabalho de 900 páginas intitulado *Und die welt hot geshvign* (E o Mundo Guardou Silêncio).

O livro foi publicado pela primeira vez em Buenos Aires, na Argentina. *Wiesel comprimiu o trabalho em uma adaptação francesa de 127 páginas, La Nuit* (“Noite”), porém muitos anos se passaram antes que ele pudesse encontrar quem publicasse a versão inglesa e francesa da obra. Em 1956, trabalhando em Nova York, enquanto cobria as Nações Unidas para seu jornal, Elie Wiesel foi atingido por um táxi. Seus ferimentos o confinaram a uma cadeira de rodas por quase um ano. Impossibilitado de renovar o visto francês que lhe permitiria viajar como apátrida, Wiesel pediu e conseguiu a cidadania americana. Recuperado, ele permaneceu em Nova York e passou a escrever para o jornal de língua ídish, o *Jewish Daily Forward* (Der Forverts).

Wiesel continuou a escrever livros em francês, inclusive o romance meio autobiográfico *L'Aube* (“Aurora”), e *Le Jour* (traduzido como “O Acidente”). Em seu romance *La Ville de la Chance* (traduzido como “A Cidade por trás do Muro”), Wiesel imaginou um retorno à sua cidade natal, uma viagem que ele só realizaria depois que o livro fosse publicado. Ele escreveu peças de teatro, inclusive “Zalmen, ou a loucura de Deus” e “O Julgamento de Deus” (*Le procès de Shamgorod*). Seus outros romances incluem “*The Gates of the Forest*”, “*The Oath*”, “O Testamento”, e “O Quinto Filho”.

Seus ensaios e contos foram reunidos nos volumes “*Legends of Our Time*”, “Uma Geração Depois”, e “Hoje um Judeu”. Wiesel até hoje escreve seus livros em francês, e sua esposa Marion frequentemente o ajuda na tradução para o inglês. Desde 1976, Wiesel é Professor de Ciências Humanas na Universidade de Boston. Fez de Nova York sua residência, onde mora com sua esposa e seu filho Eliseu. Em 1978, o presidente Jimmy Carter nomeou Elie Wiesel presidente do Conselho Memorial do Holocausto nos Estados Unidos. Em 1985 foi agraciado com a Medalha Congressional da

Liberdade e, em 1986, com o Prêmio Nobel da Paz. A versão inglesa de suas memórias foi publicada em 1995 como “*Todos os Rios correm para o Mar*”. Um segundo volume de memórias, “*E o Mar Nunca está Cheio*”, apareceu em 2000. Ao longo dos anos, Wiesel falou em nome das vítimas do genocídio e da opressão em todo o mundo, desde a Bósnia até Darfur. Embora hoje seja conhecido por milhões de pessoas, por causa do seu ativismo em favor dos direitos humanos, ele nunca abandonou a arte da ficção. Seu último romance foi “*Uma louca vontade de Dançar*” (2009).

Centro ídish no Vilnius Instituto

É o primeiro Centro Ídish de Ensino Superior fundado, depois dos Holocausto na Europa Oriental. É uma parte integrante da centenária Universidade de Vilnius, situada no coração da Cidade Velha totalmente restaurada. O Instituto se dedica a preservar a herança de séculos de idade da língua e da cultura ídish através do ensino e da pesquisa acadêmica de alta qualidade.

Além disso, através de instrução intensiva e por um corpo docente de destaque internacional o Instituto tem como objetivo promover a cultura genuína em ídish entre as novas gerações de estudantes da Europa, nas Américas e também formar novos professores, tradutores e estudiosos da área.

Finalmente, inspiradas pela sua localização única, em Vilna, e que já foi chamada de “Jerusalém da Lituânia” o Instituto espera nutrir a esperança de novas contribuições culturais.

O menino de rua

Uma das mais conhecidas canções do poeta e trovador Mordco Gebirtig foi *Avreiml Malvicher*, em que se evidencia, pelos signos e índices, o dramático panorama do shteitl onde vivia o autor, em tudo semelhante aos demais shteitlach da Europa Oriental, lembrados pelo grande escritor Sholem Aleichem. As personagens dos contos deste último circulavam no imaginário Kasrilevski, que representava o protótipo dos shteitlach judaicos.

Sem um lar fiquei na minha infância.

Em terras estranhas, longe do olhar materno

A fome me expulsou de casa

Onde eu era um honrado rapaz.

Quando eu ainda não tinha treze anos

Fui educado na imundícia da rua.

Nesta primeira estrofe o autor nos mostra um menino, órfão de pai, que abandona o lar porque sua mãe vivia em estado de pobreza e sem condições de sustentá-lo.

A perda prematura dos pais era um caso generalizado nos *shteitlach* e se situava em torno da idade dos homens de cinquenta anos. Morria-se nas guerras que assolaram o continente europeu durante muitos séculos. Durante as sucessivas divisões da Polônia, os judeus lutavam ora pela Prússia, ora pela Áustria, quando não pela própria Polônia ou pela Rússia. Lutavam também irmão contra irmão, na defesa desses países. Gebirtig, por exemplo, foi uma vez soldado polonês e de outra vez, soldado austríaco. Naquela época a convocação para o exercito era bem-vinda, pois solucionava um grande problema: a fome.

De outro lado, morria-se de doenças “naturais”, provocadas pela inexistência de condições sanitárias adequadas, falta de assistência médica e epidemias imprevistas. O fumo, que começava na idade infantil, era também um dos responsáveis.

Não existia água encanada e muito menos esgotos sanitários nos *shteitlach*. A água era retirada de um poço existente no centro da aldeia e, complementarmente, comprava-se água dos assim chamados “aguadeiros”, que retiravam a água dos rios e a distribuían, usando barris ou tonéis sobre carroças.

Este sistema de abastecimento coletivo de água existia desde a época bíblica. Foi junto a um poço, na Mesopotâmia, onde as mulheres habitualmente iam buscar água, que Eliezer, fiel servidor do patriarca Abraão, encontrou Rebeca, a mulher de seu filho Isaac.

Este “sistema de abastecimento de água”, dos *shteitlach* do século XX, aparece no poema do escritor e poeta Itzik Feffer (1900-1952), *Di Krenitze*, cantado pela artista Chava Alberstein e cuja primeira estrofe se segue:

***Lá onde a grama está molhada
Encontra-se um poço disputado
Vêm moças buscar água
Com os baldes toda noite.***

O personagem de Gebirtig torna-se um menino de rua. Para sobreviver, rouba pão, razão pela qual vai para a cadeia, onde apanha. A recuperação de detentos e, em especial, de crianças não existia naquela época, como ainda hoje é inexistente ou ineficiente em muitas cidades. A prisão era a antecâmara do cemitério. Antevendo sua morte, ele

sugere na última estrofe o epitáfio de seu túmulo, que é bastante significativo e merece uma reflexão sobre a solução dessa tragédia social do menor abandonado:

***Aqui jaz Avreiml, o malandro habilidoso.
Com certeza teria sido um grande homem
Homem honrado, com coração e sentimento.
Homem puro como o próprio Deus deseja***

***Se ele estivesse sob os olhares maternos.
Se não tivesse sido educado pela rua imunda.
E se quando criança tivesse tido um pai.
Aqui jaz Avreiml, aquele honrado rapaz.***

Aos nossos leitores

Depois de 4 anos, com esta edição de seis páginas, estamos deixando o Informativo Mensal na qualidade de Editor, por motivos estritamente pessoais, continuando normalmente como diretor do Arquivo, dirigindo o Departamento de Música Judaica.

Queremos agradecer a todos os nossos colaboradores, em especial a Hadasa Cytrynowicz, nossa correspondente de Los Angeles, que foi nossa professora de idish e continua sendo professora do Workmen’s Circle (Arbeter Ring) daquela cidade. Ao diretor do Arquivo Eng. Mauricio Serebrinik, pela confiança em nós depositada em todo este período e aos nossos leitores, de quem recebemos correspondências afetivas elogiando o conteúdo deste Informativo- Eng. Samuel Belk

Colaboradores

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, , Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Sueli Epstein, Anete Cenciper e Hadasa Cytrynowicz (correspondente de Los Angeles).

Edição de seis páginas.

Tiragem: 800 exemplares, sendo 150 impressos e 650 digitais.

Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.

***Shteitl**

Plural- Shteitlach: pequenas cidades com população predominante judaica

**Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
Presidente: Mauricio Serebrinik**

**Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879/ 2157-4121
E Mail: ahjb@ahjb.org.br
Site: www.ahjb.org.br
Distribuição gratuita**